

João Abel Manta e as crueldades provincianas

por JOSÉ CARDOSO PIRES

João Abel Manta tem o condão da minucia obcecada que, desenvolvida em doses impiedosas, denuncia uma brilhante, atrevida e cruel ostentação dos *fundamentos exactos* do real quotidiano: muros desenhados á régua, sombras (mesmo a das personagens ridiculamente não-exactas) lecantadas em perspectiva com pontos de fuga matemáticos (mesmo que cobrindo seres vivos de inexacta presença), descritos fibra a fibra como num cartão ampliado para uso dos teares — uma ostentação, enfim, de fundamentos exactos extremamente denunciadores do gosto do rigoroso, ou seja, do estilo antiprovinciano.

O seu desenho repudia a caricatura não pela força do pormenor, mas porque é de traço «*fino*», como o das agulhas das tatuagens que marcam o homem dolorosamente e para sempre. E desdenha do sarcas-

mo porque o sarcasmo envolve, regra geral, despeito e ironia saturada, e de ironia também a má pin-

(Continua na ultima página)

João Abel Manta

(Continuação da 17.^a página)

tura, e a má literatura, e a má política, têm a sua parte.

João Abel tem outra coisa. A travessura perigosa, talvez. Um desenho dele, um dos mais «divertidos» que seja — caligráfico, paciente-mente anacrónico, piramide de mil e tantas simbologias criadas e decifradas a longo prazo, Goya mais Steinberg, tudo isso, já sei — um desenho dele lembra-me um menino de muitas graças em passatempo de família, num trapézio colocado a metro e meio de altura sobre um tanque de nitroglicerina. O mais pequeno descuido pode ser a morte da família e a salvação do menino.

Quem vê os burgueses de cartola e de barbas honradas saídos da pena sábia de João Abel é tentado imediatamente a pensar numa crítica directa ás glórias da caldeira a vapor, papeis do Estado a 3,5 por cento, bem-estar social repousado em valores assentes. Será um pouco isso e muito mais, parece-me. A descoberta seria directa e imediata em demasia para que pudesse justificar tamanha abundancia de símbolos; o tecido dos figurinos seria excessivamente «um tecido» depois de desenhado com tantas fibras. Além de que poderia perguntar-se: crítica a que época? E a que país? Mais nada: se de crítica á burguesia se trata não é verdade que os antiburgueses de João Abel, os operários, por exemplo, aparecem limpos, instalados na «condição que lhes compete»? Ou tratar-se-á então de um elogio dos valores de um mundo em equilíbrio estável?

Não. Nem crítica pragmática aos contrastes do mundo, nem elegia de um mundo sem conflitos. As evidências de João Abel são terrivelmente mais profundas e universais. Uma colecção dos seus desenhos é um cadastro simbólico do homem de prestígios provincianos, abstractos, uma paisagem mítica que a moral doméstica desejaria contemplar na sala de estar depois do café e da segunda leitura do «Diário de Notícias». Desejaria — se não fosse um certo clima ameaçador que a envolve, um certo travo a brincadeira que pode sair cara. Porque quanto ao mais, tudo como deve ser: andaimes lineares, objectos que se percebem, sem fantasias de «modernices» (no dicionário caseiro), estruturas materiais impecáveis, operários a uma distancia decente, burgueses no quadro próprio com o chefe patriarcalmente sentado e a respectiva esposa submissamente de pé... e a uma ponta, em primeiro plano, um cidadão do máximo respeito indicando com o ponteiro a base da harmonia em sociedade: as leis de Mendel, as virtudes dos cromossomas — numa palavra, a Razão de Sangue, a razão dos privilégios marialvas.

Reconhece-se por consequência uma crítica de perspectiva ambiciosa ao universo conceptual do cidadão provinciano. Nem Eça, nem Pessoa, nem o próprio Ramalho denunciaram tão ousadamente como João Abel o anacronismo dessa organização mental. Nem conheço crítico ou estudioso que tivesse provado, como ele provou com as suas ilustrações para a *Carta de Guia de Casados*, a descabelada e pataqueira moral marialva do bem-falante D. Francisco Manuel de Melo, procurador encartado da ordem doméstica sob os signos machistas.

D. Francisco Manuel será um caso. Nele, o ilustrador está á vontade e mina pelo texto com a irreverência do homem de razão fria retalhando as superstições do provinciano temeroso. Mas noutros desenhos? no *Retrata de Família*, por exemplo, ou nas *Meninas e o Dirigível*, não é a mesma crítica anti-provinciana que dá o tom «abstracto», o anacronismo de João Abel?

Sem duvida que sim. Olhamo-los: estamos diante de um mundo obsoleto, uma provincia de princípios rigorosos e ridículos. E rimo-nos, como Sasanova aos 51 anos diante do espelho. Mas o universo medieval está parado — na *pax ruris*; e tem sobre ele o espantinho grotesco da modernidade — um dirigível. As meninas de colégio, os burgueses honrados e os poetas tristemente sem idade encaram os céus com serena estranheza. Enquanto isso, o cidadão de 1960 sorri. Lembra-se evidentemente da actualidade dessas figuras, compara-as com o anacronismo simbólico da presença do dirigível. Depois imagina um satélite artificial, um foguetão que seja, no lugar do dirigível, e a paz provinciana estremece.

JOSÉ CARDOSO PIRES

Em Algora, a «Diária de Lisboa»